



Tinha¹ Travesti Brincando de Pira²: Construção Simbólica de Hierarquias e Territorialidades na Prática da Prostituição de Travesti

Oswaldo VASCONCELOS³
Danila CAL⁴
Marisa MOKARZEL⁵
Universidade da Amazônia, Belém, PA

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as dinâmicas existentes nos territórios de prostituição travesti, no bairro do Reduto, em Belém (PA). O principal argumento desse estudo é que o espaço condiciona as posições dos sujeitos, compõem as relações de forças e provoca uma constante (re)configuração territorial e simbólica. A análise é feita por meio dos conceitos de território, territorialidade e estética urbana, que legitimarão as práticas e vivências das travestis. O método usado é o da pesquisa qualitativa, descritiva e analítica. O artigo conclui que a prostituição de travestis vai além do simples ato de fazer sexo com clientes, pois engloba uma apropriação de territórios e sua devida manutenção, bem como o (re)ordenamento de territorialidades baseado em hierarquias criadas pelo grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Travestis; Prostituição; Hierarquias sociais; Territorialidade; Estética urbana.

1. Introdução

Pra ser travesti precisa dar a cara pra sociedade bater. Elas colocam roupa de mulher, peruca e se acham travesti. Não é assim! Pra ser travesti tem que colocar silicone, senão não é travesti. E eu faço bafão com quem vem xingar a gente, com viadinho novo. A área é nossa, das veteranas. (Taynara Taylor, em 08/02/2012).

O terreno simbólico que marca a construção da identidade travesti é heterogêneo e hierárquico baseado, sobretudo, em relações de poder que definem os lugares e os papéis dos sujeitos. A fala de Taynara Taylor, travesti de 29 anos que atua em Belém

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Brincadeira típica do Pará. Segundo o Dicionário Papachibé, é o mesmo tipo de brincadeira que “pira-alta, pira esconde; o mesmo que pic; um grande aglomerado de criança brincando junto” (SOBRAL, 1996, p. XX)

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama).

⁴ Doutora em Comunicação Social pela UFMG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama).

⁵ Doutora em Sociologia pela UFC. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama).



(PA), é representativa desse contexto de disputas territoriais e simbólicas. Há uma distinção clara entre o que ela considera travesti propriamente, que são as que fizeram intervenções no corpo para se aproximar ao padrão feminino, contudo, sem aderir a cirurgias de modificação do sexo, e os meninos novos, chamados de “viadinhos”, que se vestem de mulher. Para ela, “ser travesti” remete a uma postura política de enfrentamento, inclusive em relação a esses outros sujeitos que também compõem, de certa forma, o universo travesti.

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar os componentes estéticos e simbólicos que marcam a construção de hierarquias sociais entre as travestis que se prostituem. Esses componentes reverberam no modo como esses sujeitos se dispõem no cenário urbano e como constroem territórios geográficos e simbólicos. Focamos nossa pesquisa na análise da prostituição travesti no bairro do Reduto, em Belém (PA), que, apesar de ter sido considerado no passado um lugar privilegiado, hoje é periferia da zona central cidade. Durante o dia, o bairro acolhe atividades comerciais como escritórios, lojas, serviços e um shopping, já à noite, esse cenário é modificado para dar espaço à prostituição e à boemia.

As travestis, seres que subvertem as práticas de gênero, como salientam Kulick (2008), Butler (2003) e Pelúcio (2007), são as figuras mais emblemáticas do universo homossexual brasileiro (PARKER, 2002). As alterações que elas empreendem em seus corpos com o intuito de criar uma nova identidade para si (SILVA, 2007) são o traço mais característico daquilo que se pretende entender por travestilidade. A fluidez nas diversas categorias do gênero e da sexualidade permitem a elas transitar por uma miríade de discursos sobre sujeitos que estão, socialmente, disponíveis (BENTO, 2006).

Como recursos metodológicos para desenvolver a pesquisa, realizamos trabalho de campo⁶ entre 2007 e 2013, em que foram entrevistadas 42 travestis, 19 em pequenos grupos e as demais individualmente. A maior parte das entrevistas foi feita no local de prostituição, durante a madrugada. Outras foram realizadas na sala da Associação de Travestis e Transexuais do Pará (ASTTRAP), no Reduto. Ter ido ao meretrício, percorrido as ruas, deixar os acasos espontâneos, como afirma Peirano (1995), juntarem os pedaços daquilo que defenderemos como verdade, só foi possível por causa do contato, da convivência, pensamento consoante ao de Larissa Pelúcio (2007), Marcos Benedetti (2005) e Don Kulick (2008), por exemplo, que ao mergulharem no universo

⁶ A condução da pesquisa de campo foi realizada por Osvaldo Vasconcelos.



da prostituição travesti, puderam encontrar não somente o dito sobre as realidades daquelas pessoas, mas, principalmente, o não dito. Ou, para ilustrar a importância dessa pesquisa etnográfica, “o pesquisador é o fio e ao mesmo tempo Ariadne, percorrendo o labirinto confuso das mazelas que a visão sensível da sociedade não quer ver” (KULICK, 2008, p. 29).

A prostituição de travestis num bairro reconhecidamente histórico, como o bairro do Reduto, onde o passado rico, mergulhado no saudosismo nocivo (CASTRO, 2010) que alimenta os sonhos de uma boa parte da população contemporânea de Belém, hoje divide a cena decadente com travestis que trazem no corpo, principalmente, as marcas das máculas sociais presente em tantas cidades brasileiras, mas também de uma territorialidade que todos os dias, ao cair da noite, é materializada naquele espaço. A fluidez crescente da globalização nos/dos espaços conectando/desconectando territórios (re)cria verdadeiros “mosaicos territoriais” que diluem-se dia após dia (HAESBAERT, 2005). Durante o dia, quando o cotidiano citadino do bairro é iluminado seja pela insolação, seja pela *normalidade*, os espaços e suas cenografias são encaixados dentro da lógica que a cidade criou, quando comércios, instituições, fábricas e transeuntes ganham a visibilidade de sempre. Contudo, ao menor sinal de aproximação da noite, quando os atores são outros e os cenários também, entram em cena novas configurações, seja de travestis e rufiões, seja de bares e boates.

2. Do Reduto como um território ao corpo como território

Rogério Haesbaert (2005, p. 18) é categórico ao afirmar que “a ‘era do espaço’ é também a era da ‘desterritorialização’”. De acordo com o autor, o caráter fragmentador do processo de globalização é o grande responsável por essa “desespacialização” que ocorre simultaneamente com um processo que vem na contramão da desestruturação: a re-territorialização. Os processos desterritorializantes, ocorridos no seio do espaço geográfico, não podem ser vistos como processos absolutos, isto porque estes mesmos processos são imediatamente reorganizados e apropriados. A intercalação de espaços descontínuos não é, de forma alguma, a descaracterização do território, mas a renovação da paisagem; é graças a essa fluidez que as multiplicidades tanto dos territórios, quanto das territorialidades são evidenciadas.

Souza (2006) aponta que os territórios de prostituição são exemplos claros de um território e de uma territorialidade flexíveis, pois ambos não são exercidos de



maneira integral na totalidade do dia. A apropriação⁷ – na grande maioria dos casos – dá-se apenas no período noturno, pois durante o dia esses espaços, comumente identificados como áreas de obsolescência, são territorializados por outros grupos, como, por exemplo, comerciantes, trabalhadores, moradores. Quando anoitece, os cenários e personagens são outros. Bares, boates, motéis, travestis e *michês*⁸ substituem as lojas, escritórios, farmácias, moradores e passantes. O caráter transitório, observado por Souza, caracteriza aquilo que o autor cunhou de “territórios flutuantes”.

Essa gama de concepções acerca da “liquidez da modernidade” (BAUMAN, 2000), ou da “pós-modernidade” (HAESBAERT, 2005), que resulta numa realidade cada vez mais múltipla, com fenômenos reconfigurantes efervescendo no espaço geográfico é assim sintetizada:

Graças à fluidez crescente nos/dos espaços e à dominação do elemento rede na constituição dos territórios, conectando suas parcelas descontínuas, temos o fortalecimento não mais de um mosaico padrão de unidades territoriais em área, visto muitas vezes de maneira exclusiva entre si (...) que possibilita a passagem constante de um território a outro, num jogo que se denominará (...) muito mais do que de desterritorialização ou de declínio dos territórios, da sua “explosão” ou, em termos mais consistentes, de uma multiterritorialidade. (HAESBAERT, 2005, p. 19)

Perceber os territórios e as territorialidades, na contemporaneidade, é, antes de mais nada, um exercício de subjetividade. As várias faces de um mesmo território implicam numa análise bem mais extensa do que aquela que subtrai sua essência, para resgatar uma territorialidade singular. Dessa maneira, pensar uma ação transformadora requer, antes de tudo, uma sensibilidade para destacar a pluralidade dos territórios, para aí, sim, diferenciar as múltiplas territorialidades existentes (HAESBAERT, 2005). É sobre estas múltiplas territorialidades que nos ocuparemos neste trabalho, pois é de suma importância para a sociedade como um todo, as dimensões alcançadas por essas formas de apropriação do espaço. Procura-se também analisar que tipo de estética esse território adquire na transformação da paisagem. À noite, o território adquire uma nova forma móvel e fixa, determinada pelos corpos que se locomovem, pelas novas placas territoriais que demarcam diferentes configurações territoriais.

⁷ Aqui o termo vem a significar a incorporação de dado espaço para a prática da prostituição.

⁸ Palavra de origem francesa que designa o profissional do sexo masculino que realiza serviços sexuais. Também chamado de garoto de programa, garoto de aluguel, acompanhante masculino.

2.1 Bairro do Reduto: de reduto das fábricas ao reduto da prostituição

O núcleo central de Belém⁹ é formado por bairros que no passado tiveram momentos gloriosos em virtude de ali ter iniciado o processo de expansão e crescimento urbanos; contribuiu, ainda, o fato de a cidade ser estruturada de maneira luxuosa através das riquezas conquistadas com a exploração da borracha amazônica em fins do século XIX e início do XX.

Dentre os bairros que compõe esse núcleo central, um deles destaca-se dos demais por apresentar características singulares. O Reduto, que durante a *Belle Époque* – período áureo vivido pela cidade – viveu seu esplendor, hoje padece no esquecimento. Localizado nas proximidades do Rio Guamá, o bairro foi criado para a instalação de fábricas (SARGES, 2000) que nasceram durante a economia da borracha, e que caracterizaram o Reduto no imaginário popular como um bairro fabril.

Com as novas transformações urbanas pelas quais a cidade de Belém passa e em virtude ser ainda um bairro fabril; com a escassez de área habitável e distante dos eixos rodoviários da cidade, o Reduto perde mais ainda a capacidade de se desenvolver e sair do esquecimento (TRINDADE Jr, 2010).

De fato, nos dias atuais, esse bairro permanece como suas formas relativamente intactas. Composto majoritariamente por fábricas e galpões, o Reduto sempre teve uma das mais baixas densidades demográficas da cidade (PENTEADO, 1968). Com o fim da economia da borracha, o bairro entrou num processo de declínio infraestrutural e demográfico que perdura até os dias atuais.

O processo de organização urbana proposto por Manuel Castells (1983) dá ênfase às “unidades ecológicas” que são todas as manifestações espaciais que mantêm graus de especificidades com sua realidade imediata. O autor destaca como conceitos-chave dessa organização: a concentração, a centralização, a descentralização, a circulação, a invasão-sucessão e a segregação. No tocante a esse último conceito, o autor destaca a presença de grupos marginalizados, que orientam a dinâmica organizacional de determinado território. Quando esses grupos coabitam no universo das grandes cidades, bem como as interações e extensões espaciais que conversam em alguns momentos, de maneira belicosa ou não, são produzidos (re)arranjos sócio-

⁹ A área central da cidade de Belém é composta pelos bairros da Cidade Velha, Campina, Comércio e Reduto.



espaciais únicos e que fazem frente ao complexo representado pelo espaço urbano como um todo.

A segregação sócio-espacial, tão evidenciada nos grandes centros urbanos, esconde no âmago de sua paisagem triste, a estratificação “suburbanizada”¹⁰ de uma população que subverte sua pobreza. Essa população, que Rogério Haesbaert (2006) chama de “aglomerados humanos de exclusão”, habita não apenas as periferias ao redor das metrópoles, mas, em muitos casos, o seio dessa metrópole. O autor preconiza a “modernidade arrasadora” como a grande responsável por essa padronização dos lugares e a sua conseqüente perda de história e de identidade (HAESBAERT, 2006). De acordo com Souza (2009), essas hierarquias são percebidas a partir da análise do modo como sujeitos e grupos de certa sociedade se percebem e se julgam. Para esse autor, elas são histórica e socialmente construídas e ajudam a explicar o “DNA simbólico” de uma sociedade, segundo o qual certas virtudes ou características são condenadas ou estigmatizadas, enquanto outras são valorizadas.

Hoje, o bairro que no passado representou riqueza e opulência, foi transformado em periferia da zona central. O abandono e a degradação fizeram do Reduto um lugar conhecido na cidade como “lugar perigoso”. De área comandada por fábricas, o bairro passou a abrigar – notadamente no período noturno - bares, boates, motéis (registrados ou clandestinos) e uma intensa zona de prostituição de *michês* e travestis. A dicotomia dia/noite representa, ironicamente, as duas realidades ali existentes. Num primeiro momento – dia – o bairro acolhe atividades comerciais das mais diversas; num segundo momento – noite – o cenário é modificado para dar espaço à prostituição e à boemia.

Numa analogia livre, utilizamos o modelo proposto por Souza (2006), com modificações, para caracterizar a dinâmica existente no Reduto.

¹⁰ Hierarquias dentro da massa excluída, como empregadas domésticas e mototaxistas, por exemplo, que habitam as periferias e os subúrbios das cidades.

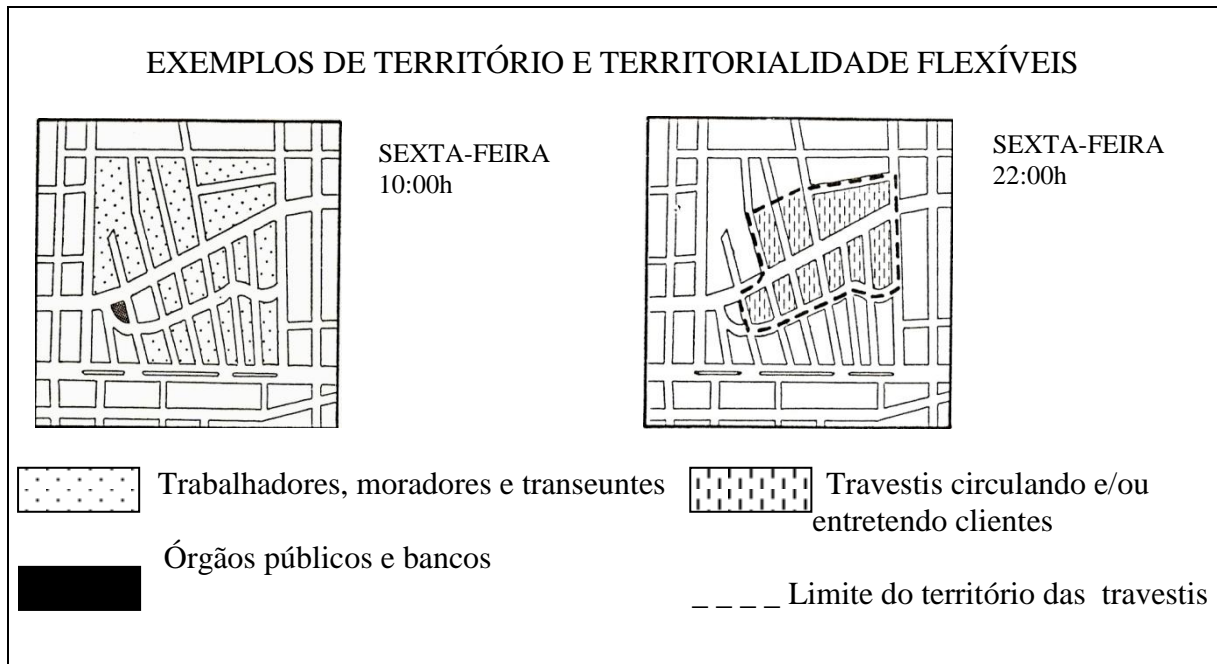


Figura 1: Parte da área de prostituição, no bairro do Reduto, em dois momentos distintos (Adaptado de Souza (2006))

A mobilidade territorial observada dá-nos a dimensão da fluidez tanto de territórios, quanto de territorialidades. Durante o dia e uma pequena parcela da noite, um cenário de “decência” é materializado, onde trabalhadores, moradores, comerciantes e estudantes circulam, interagem. Essa dinâmica diurna também é marcada pelo *status* social, uma vez que a grande maioria dos estabelecimentos comerciais são inferiores, do ponto de vista estrutural e estético, se comparados aos encontrados nos bairros mais nobres da capital. Quando o período noturno se instaura (após as 22h00), quase todo o cenário se modifica. As lojas, escritórios e uma universidade fecham e outra paisagem é percebida: motéis, bares e boates. As luzes e cores desses estabelecimentos, os corpos com seus adornos, vestimentas e maquiagens alteram a paisagem, a estética da noite se distingue do dia, mesmo que não haja uma modificação estrutural dos prédios. A luz, proveniente dos portes funcionam como foco teatral, fornecem um novo cenário, uma nova dinâmica de forma, cores e movimentos. Os passantes diurnos cedem lugar aos frequentadores dos estabelecimentos comerciais noturnos, aos michês e às travestis.

Essa justaposição de territórios é bastante acentuada se levarmos em consideração a questão simbólica. Em virtude da “normatização” das práticas executadas durante o dia – comércio, por exemplo -, manteremos nossa reflexão no período noturno, pois é durante esse estágio que encontraremos as manifestações simbólicas mais acentuadas no que tange à posse. A conquista e manutenção de

determinado território de prostituição obedecem determinadas regras/códigos, tanto de condutas, quanto de indumentária (SILVA, 2002). O fator simbólico é de fundamental importância quando se quer compreender a extensão da territorialidade de determinado grupo, seja de territorialidade material, seja de territorialidade subjetiva (BOURDIEU, 2002).

A volatilidade de territórios e territorialidades, no bairro do Reduto, é mais acentuada no período noturno, uma vez que no tocante às travestis, a mobilidade física é muito acentuada, sem, no entanto, perderem o domínio sobre o território, pois seus simbolismos – roupas extravagantes, falas exaltadas e gestos ousados – se encarregam de demarcar suas áreas de influência e atuação (BENEDETTI, 2005).

3. Hierarquias simbólicas: territorialidades e relações de poder na prostituição travesti

A prostituição na cidade de Belém é uma atividade naturalmente fragmentada. São vários pontos onde a prática venal é percebida. A prostituição de travestis não escapa a essa regra. Em várias avenidas ao longo da cidade, elas - travestis - podem ser percebidas. No entanto, como já foi dito, nosso recorte espacial limita-se apenas ao Bairro do Reduto e é aí que tentaremos compreender a dinâmica dessa atividade no espaço.

O território ocupado por travestis no Reduto, durante a noite, compreende a Rua 28 de Setembro e suas transversais, como pode ser percebido na figura 2.

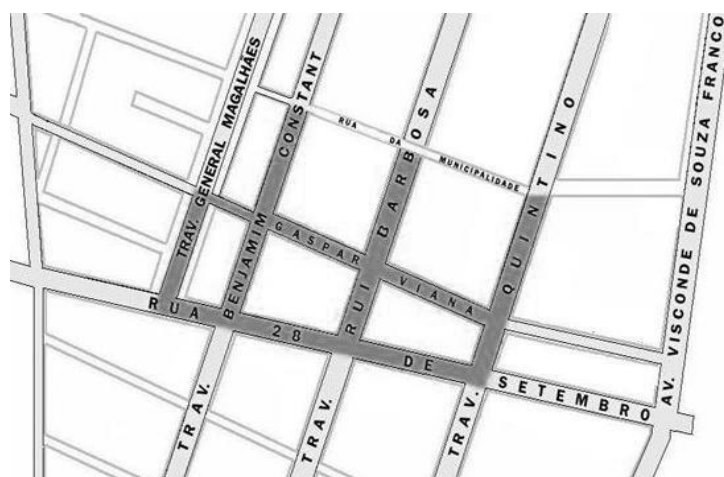


Figura 1: Áreas ocupadas pelas travestis durante a prática da prostituição

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo. Execução gráfica: Francisco Walter

■ Áreas ocupadas pelas travestis durante a prática da prostituição.



Hoje conhecido como boêmio, o bairro é, paulatinamente transformado, pelas travestis, num lugar reconhecidamente de prostituição. Essa ocupação é relativamente recente, se levarmos em consideração que antes de se fixarem nesse local, as travestis *batalhavam*¹¹ na Avenida Assis de Vasconcelos – limite entre os bairros do Reduto e Comércio – e dividiam esse local com mulheres que também se prostituíam, motivo de constantes disputas e conflitos (FERREIRA, 2003).

A partir do ano de 1999, houve uma gradativa mudança locacional. As travestis resolveram mudar de lugar e conquistaram o bairro do Reduto como hoje é percebido. As falas de Carol Luggeri e Taynara Taylor sintetizam o que queremos demonstrar:

[Carol]: A gente ficava lá na Assis de Vasconcelos, perto da Praça da República, mas aí era todo mundo junto: puta e travesti. Aí, quando o cliente aparecia todo mundo voava pra cima do carro dele, né? E como eu vou saber se o cliente quer mulher ou bicha? Dava confusão! Era babado. Aí, nós [travestis] resolvemos descer um pouco mais [sair da Assis e ir para outras ruas do Reduto] e as putas ficaram. Mas olha como são as coisas. As putas fizeram tanta onda pra nós sair de lá que um tempinho depois da gente ter vindo pra cá, elas saíram de lá também!

[Taynara]: Era babado mesmo! Todo dia tinha uma bafão com elas. As coisas sempre foram “de onda” mesmo. Mas nunca fugimos, sabia? Eu já vinha pra cá de vez em quando, mas era perigoso uma travesti ficar sozinha aqui, neném. Mas quando todas as bichas resolveram tomar conta do pedaço, não teve pra mais ninguém. Tinha travesti brincando de pira! [referência ao fato de existir um grande número de travestis no local] Nós dominamos! (entrevistas concedidas em 16/02/2012).

Devidamente instaladas no novo local, as travestis resolveram demarcar suas áreas de influência. A Rua 28 de Setembro passou a ser a principal artéria, sendo que as transversais foram transformadas em pontos estratégicos, seja para se esconderem, seja para consumação de algum programa. A degradação do bairro, aliado a pouca iluminação completaram o cenário para um território de prostituição devidamente concretizado. Composto por casarões abandonados, fábricas desativadas e pouca movimentação de transeuntes, as ruas do bairro passaram a ser motivo de disputa entre as travestis.

A demarcação de territórios no mercado do sexo é complexa e envolve não apenas um grupo que se identifica por semelhanças. O capital corporal é de fundamental importância na organização do território. Quanto mais jovem, mais bonita, mais feminina, mais “quebrada na plástica”¹² a travesti for, mais destaque ela terá na área,

¹¹ Forma êmica utilizada para denominar a atividade da prostituição.

¹² Expressão que denota as modificações corporais advindas de cirurgias plásticas. Vide Pelúcio (2005)



criando, dessa forma, um valor estético de classificação e poder, um processo desigual quando essa demarcação é realizada.

No bairro do Reduto, por exemplo, há outros pequenos territórios de prostituição de travestis que, juntos, compõe um quadro falsamente homogêneo. O grupo institucionaliza uma hierarquia que pode ser vista como um ciclo. Na parte inferior dessa escala há os *Viadinhos*, categoria que é composta por adolescentes entre 12 e 16 anos, que se prostituem no final da Travessa Quintino Bocaiúva, limítrofe à zona portuária. São rejeitadas pelas travestis mais velhas, que por sua vez lhes negam a identidade travesti, alegando que para ser considerada travesti, perante as mais velhas, é preciso a aplicação de silicone, seja prótese ou industrial, além da incorporação de trajes femininos durante o cotidiano, ou seja, o período em que não estão na *batalha*. Acima dessa categoria, há as *Belíssimas*, que são as travestis que já sofreram transformação corporal, mas com silicone industrial, aplicação realizada de maneira artesanal e extremamente perigosa. Gozam de respeito perante as outras e podem circular dentro dos limites que o grupo estabeleceu a elas. No topo da hierarquia, há as *Européias*, que são as travestis que foram se prostituir na área que forma o eixo Rio-São Paulo, ou foram para Barcelona, Paris ou Milão, por exemplo, e retornaram com uma transformação corporal pautada na cirurgia e aplicação de prótese de silicone, com o mínimo possível de hormônio feminino, diferença crucial para a categoria que lhe antecede. Por fim, mas curiosamente fora da hierarquia, há as *barrocas*, travestis que são consideradas idosas, mas que um dia já percorreram todas as categorias anteriores. Podem, dependendo do rumo que tomaram, ser respeitadas e temidas pelas outras, agindo como cafetina e controlando os territórios, ou podem ser deslocadas para as partes mais sombrias e escuras dos territórios e caindo no esquecimento e nas drogas.

Após a conquista do território, o grupo – aqui representado pelas travestis – necessita lançar mão de artifícios para a manutenção da sua área de atuação. A adoção de códigos e táticas comportamentais é vital para a preservação de pontos que elas acreditam serem “lucrativos”; além do caráter pecuniário, o território, duramente conquistado, precisa ser protegido contra “invasores”.

Eu posso com uma bichinha que não sabe nada da vida? Elas chegam aqui e se acham as donas do pedaço! Aí, quando a polícia e o juizado [Juizado de menores] aparece, querem comprometer nós. Eu já disse, viadinho novo não se mistura com travesti. Eu bato mesmo, puxo cabelo, corto a cara. Pra ser travesti precisa dar a cara pra sociedade bater. Elas colocam roupa de mulher, peruca e se acham travesti. Não é assim! Pra ser travesti tem que colocar



silicone, senão não é travesti. E eu faço bafão com quem vem xingar a gente, com viadinho novo. A área é nossa, das veteranas. (Diário de Campo, 08/02/2012)

As relações de poder nos territórios de prostituição são marcadas, na maioria das vezes, por violência e subserviência. E a forma como esse poder se manifestará demarcará o campo de atuação de todas as outras travestis. O grupo que se denomina de “veteranas” sente-se responsável pela organização e pela harmonia na área. Elas evitam contato com travestis menores de idade, por acharem que uma aproximação vai “queimar”¹³ a imagem do grupo, uma vez que é relativamente comum o Juizado de Menores fazer incursões por aquela área. Além disso, há o fato de outros grupos tentarem se infiltrar para ali se instalarem, como, por exemplo, a prostituição feminina. Esse processo de diferenciação, de não-aproximação com o “outro” culminará na “sua completa dizimação (...) ou na sua reclusão em espaços quase completamente vedados” (HAESBAERT, 2005, p. 25).

A modalidade de exclusão do outro, do estranho, do *outsider* criará os “territórios-zona” (HAESBAERT, 2005), que são as áreas proibidas a determinados grupos ou a determinados componentes do grupo que exerce o poder. No Reduto, esses territórios-zona são particularmente as áreas de menor visibilidade, afastadas do trajeto de um cliente em potencial. E, caso a “área nobre” seja de alguma forma ameaçada, o uso da violência, verbal ou física, será utilizada. Ainda de acordo com o autor, a criação desses territórios-zona ou territórios de exclusão dentro do território de prostituição é uma forma de defesa do grupo que exerce o poder, pois é a única forma de se manterem agrupados e, com isso, garantir a sobrevivência do mesmo.

4. Disputas e resistências

A manutenção desse território, por parte das travestis, é traduzida nas complicações diárias que elas enfrentam para legitimar tal área e, por conseguinte, manter unida a identidade do grupo. Quando elementos estranhos à coletividade travesti se aproximam, rapidamente é montada uma tática de contenção, pois não será permitida a permanência de ninguém que escape aos rígidos códigos criados por elas. Benedetti (2005) diz que dentro do grupo, violência materializada só acontece por motivo de rixas, sendo que as agressões verbais são mais comuns, pois são repressões “brandas”, violações moderadas, como, por exemplo, uma travesti sair de seu “ponto” e circular na

¹³ “Queimar” significa colocar em situação difícil; comprometer.

área de outra. Outro exemplo de disputas internas, entre veteranas e novatas, relacionadas ao território, nos é dado por Ornat (2008) quando este afirma:

O território paradoxal é gestado pela violência, funcionando como um ritual de passagem, orientado a corpos que desejam aceitação no território. Outro elemento deste controle é a humildade, atitude esperada das novas travestis, relacionada a um conjunto de deveres e regras de comportamento àquelas desejosas de pertencer ao grupo e ao território da prostituição. Ser humilde para o grupo é admitir que é nova, colocando seu corpo no lugar relacionado a (sic) periferia das relações de poder (ORNAT, 2008, p. 112).

No tocante às repressões internas, a figura 3 mostra a violação de uma norma básica dentro do grupo: invadir a área do outro grupo.

Figura 3. Intervenção urbana e resistência



Figura 4. Placa modificada com detalhe programa



Crédito: Osvaldo Vasconcelos

As placas originalmente correspondem à Rua 28 de Setembro e à Travessa Rui Barbosa, consideradas pelas travestis uma espécie de “área nobre”, lugar que pertence às “belíssimas”, às “Tops”, às “Européias” e às veteranas, não sendo permitido, o acesso de travestis que não preencham tais requisitos. Raíssa Gorbachof, presidente interina da ASTTRAP (Associação de Travestis e Transexuais do Pará) e que não mais atua na prostituição, mas realiza trabalhos periódicos no Reduto sobre prevenção de DST/Aids, afirma que as modificações realizadas nas placas foram feitas pelas “viadinhas” – travestis mais novas e menores de idade – como forma de retaliação ao tratamento recebido pelo grupo das veteranas.

Olha, menino, agora me recordando das idéias, elas são assim mesmo, sabe? Ousadas, abusadas mesmo. Ali [Reduto] o negócio é assim: as mais velhas atacam de um lado e as mais novas revidam de outro. E assim a vida vai seguindo. Claro que elas fizeram isso quando as “bunitas” [veteranas] não estavam mais lá, isso umas 05:00 da manhã porque elas não teriam coragem pra fazer isso na cara dura. Quem tem cu tem medo, tá entendendo? (**Raíssa Gorbachof**, entrevista em 24/10/2012).

As modificações percebidas nas figuras 3 e 4, concernentes ao emplacamento que nomeiam as ruas do bairro, foram feitas como forma a ridicularizar o grupo que naquele lugar se concentra. No espaço em que deveria estar escrito “Rua 28 de Setembro, bairro do Reduto” agora aparece “Rua 2 de Setembr, *comeci a correr*”, e na placa ao lado, o que deveria aparecer é “Travessa Rui Barbosa, bairro do Reduto”, mas, devido à retirada dos adesivos brancos que formam as letras, agora aparece “Travesti *baroca*, 10 reais”. Na primeira placa, não há modificações tão depreciativas; há apenas uma referência indireta ao fato de ali ser um “pedaço” travesti e que elas podem ser perigosas, portanto, é aconselhável que “comeci a correr”. Na segunda placa a modificação é mais direta e agressiva. O “baroca” – a forma correta é “barroca” – é um termo usado pelo grupo de uma maneira geral para designar coisas e/ou pessoas velhas. A referência feita ao preço, “10 reais”, contido na mesma placa, refere-se ao valor que uma travesti “barroca” deve cobrar por programa, ou outra forma de agressão que reduz mais ainda o real valor cobrado pelo programa.

Destarte, é percebido que para a manutenção de um território e suas respectivas territorialidades, o grupo lança mão das mais diversas formas estratégias para alcançar tal intento. A legitimação de determinada área é feita na base do conflito, que pode ser objetivo e direto, ou subjetivo e simbólico (BOURDIEU, 2002). As várias formas ficam cristalizadas no espaço para que haja a coerência das funcionalidades e das representações, sendo os indivíduos, responsáveis pela identidade do grupo e pela sua representatividade no território.

5. Considerações Finais

A prostituição travesti, retratada neste estudo, não pode e nem deve ser analisada de maneira indissociável da categoria *espaço*, pois a manutenção dos territórios está intrinsecamente relacionada à afirmação da identidade e, conseqüentemente, da territorialidade do grupo.

Ao destacarmos o vivido e o cotidiano percebemos que as marcas da identidade podem ter-se diluído no espaço, tendo em vista a intenção de formar uma matriz, com a



qual identificaremos as múltiplas formas de apropriação do espaço e as múltiplas territorialidades. Haesbaert (2007) versa sobre os “hibridismos culturais” que permeiam as identidades pós-modernas e aconselha que o pesquisador tenha “os pés no chão” quando da análise material do território, pois as representações e as imagens codificam as diversas formas de apropriação, induzindo a uma noção inapropriada de pertencimento.

Tentamos mostrar, também, os “outros cenários” que coabitam no território de prostituição, que, de certa forma, sustentam as práticas realizadas pelas travestis, além da problematização das diversas formas de segregação que estão inseridas naquela realidade, em virtude das lutas de poder e de um processo de globalização que tem em seu bojo a destruição/recriação dos territórios de uma forma geral.

Assim, no cerne da nossa proposta, sinalizamos com um olhar mais dedicado para a contextualização histórico-geográfica do processo de construção territorial que permeia a atualidade noturna do bairro do Reduto, sem perder de vista as singularidades dos grupos que compõem esse rico universo do vivido.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BENEDETTI, M. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTELLS, M. **A questão Urbana**. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CASTRO, F. F. **A cidade Sebastiana - Era da Borracha, Memória e Melancolia numa Capital da Periferia da Modernidade**. Belém: Ed. Labor, 2010.
- FERREIRA, R. S. **Travestis em perigo ou o perigo das travestis?** Notas sobre a insegurança nos territórios prostitucionais dos transgêneros em Belém (PA). Enfoques – Revista dos alunos do PPGSA da UFRJ, v 2, nº 1, julho de 2003.



HAESBAERT, R. **Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização**. In: Ministério da Integração Nacional. **Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial**. Brasília, 2005.

_____. **Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão**. In: CASTRO, I. E. de; CORRÊA, R. L; GOMES, P. C. da C. **Geografia: conceitos e temas**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. In: **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. ARAUJO, F. G. B. de. & HAESBAERT, R. (Orgs.). Rio de Janeiro: Access, 2007.

KULICK, D. **Travesti** – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

ORNAT, M. **Teritórios de prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – Paraná**. Dissertação (Mestrado). UEPG: Ponta Grossa, 2008.

PARKER, R. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PELÚCIO, L. **Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti**. Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Unicamp, jul. / dez, 2005.

_____. **Nos nervos, na carne, na pele** – uma etnografia sobre a prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. São Carlos: UFSCar, 2007.

PENTEADO, A. R. **Estudos de geografia urbana**. Belém: UFPA, 1968.

SARGES, M. N. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SILVA, H. **Travestis** – entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, J. C. **O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição**. In: RIBEIRO, M. A. Território e prostituição na metrópole carioca. 1ª ed. São João de Meriti, Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.

SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009

SOUZA, M. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de; CORRÊA, R. L; GOMES, P. C. da C. **Geografia: conceitos e temas**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TRINDADE Jr, S. C. da. **Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico**. Revista IEB, nº 50, Set/Mar. p. 113-137, 2010.